



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
LETRAS

ELIZA HELENA POLICARPO DE OLIVEIRA

**ENSINO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

BRASÍLIA-DF

JUNHO/2013

ELIZA HELENA POLICARPO DE OLIVEIRA

**ENSINO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB – tendo como orientadora a Profª Me. Naiara Pedon Carvalho Clemente

BRASÍLIA-DF

JUNHO/2013

ELIZA HELENA POLICARPO DE OLIVEIRA

**ENSINO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB – tendo como orientadora a Profª Me. Naiara Pedon Carvalho Clemente

Aprovada em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Profª Me. Naiara Pedon Carvalho Clemente (Orientadora UniCEUB)

Prof Me. Paulo Medeiros Junior (UniCEUB)

Profª Me. Rosi Valeri Correa Araujo (UniCEUB)

Dedico esta monografia à minha família, em especial à
meu marido e minha filha Anna Júlia
por me ajudarem em todos os momentos e também
à minha tia Márcia Helena Policarpo
(*in memoriam*) por sempre me ajudar
e acreditar em meu crescimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus** por ter me dado forças e determinação para concluir meu curso de Letras.

A meu marido **Rogério Lopes** por ter me ajudado nos momentos mais complicados e sempre ter confiado que esse momento chegaria. Obrigada por esses maravilhosos anos de dedicação, determinação, esperança, fé e amor ao meu lado.

À minha filha **Anna Júlia**, pois seu sorriso me cativa cada dia mais, sua esperteza nutre meus objetivos e por causa dela tive disposição para prosseguir.

A meus familiares (**Marcele, Jonathan, Andrey, Líria, Maria, Lopes, Rose e Rozângela**), que muitas vezes se sacrificaram para que eu pudesse me dedicar aos estudos, que sempre estiveram dispostos a me ajudar e confiaram em mim.

Meu agradecimento especial à minha tia **Márcia Helena Policarpo** (*in memoriam*) por ter me ajudado, desde minha infância. Por ter sacrificado, inclusive seus estudos, para cuidar de mim e pelos inúmeros conselhos que me deu. Pela sua coragem, força de vontade e dedicação, que serviram de inspiração e me ajudaram a concluir esse curso. Serei para sempre grata à você e sei que estaria muito feliz se pudesse vivenciar esse momento tão especial ao meu lado.

À minha professora **Naiara Pedon**, por me orientar de forma tão agradável, carinhosa e dedicada. Por me ajudar a tornar esse trabalho uma realidade. Sou muito grata à senhora por abraçar minha causa e caminhar comigo.

À professora **Maria Eneida**, por ter iniciado esse trabalho comigo e ter me mostrado o quão fantástico pode ser trabalhar as HQ em sala de aula.

A todos os demais professores, que passaram por minha vida e contribuíram para meu crescimento intelectual.

“Tudo que sabemos deve ser transmitido
aos que não sabem. Devemos ter a
humildade em ajudar, ensinando aqueles
que têm a humildade em aprender.
Quem ensina não pode ter orgulho ou
sentir-se superior, afinal todas
as pessoas tem algo a nos ensinar”.

Desconhecido

RESUMO

Essa monografia trata do uso das histórias em quadrinhos na educação fundamental (6º ano). As maneiras que elas podem ser trabalhadas em sala de aula e a trajetória desse gênero no decorrer da história mundial e nacional. Atualmente na educação, são utilizados diversos recursos a fim de facilitar o processo ensino/aprendizagem e as HQ já fazem parte desses trabalhos. Por esse motivo, o trabalho divide-se em fundamentação teórica, breve estudo do contexto das HQ's no mundo, história dos quadrinhos no Brasil, uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, metodologia e análise dos quadrinhos da Mafalda e Níquel Náusea e por fim uma análise de um plano de aula que aponta, como exemplo, a maneira que o educador pode fazer uso das histórias em quadrinhos em suas aulas.

Palavras-chave: História em Quadrinhos (HQ) – Ensino – Análise Plano de Aula

RESUMEN

Esa monografía es acerca del uso de los tebeos en el 6º grado. Las formas que ellas pueden ser trabajadas en aula y la trayectoria de ese género en la historia mundial y nacional. Actualmente en la educación, son utilizados varios recursos para ayudar en proceso enseñanza/aprendizaje y los tebeos hacen parte de eso trabajo. A causa de eso, esa monografía es dividida en fundamentación teórica, corto estudio del contexto de los tebeos en clase, metodología y estudio de historias de *Mafalda* y *Níquel Náusea* y análisis de un plan de clase que menciona, por ejemplo, cómo el profesor puede usar los tebeos en la escuela.

Palabras-clave: Tebeos – Enseñaza – Análisis Plan de Clase

SUMÁRIO

Introdução	10
CAPÍTULO I: Fundamentação Teórica	12
CAPÍTULO II:A Relação Entre HQ's e o Contexto Social no Mundo	19
2.1 – História em Quadrinhos no Brasil	24
CAPÍTULO III: O Gênero HQ e sua Influência na Formação do Leitor	27
3.1 – Estrutura das Histórias em Quadrinhos	30
3. 2 - Estudo das HQ's Mafalda e Níquel Náusea	35
CAPÍTULO IV: Uso das HQ's no Ensino de Língua Portuguesa	39
CAPÍTULO V: Metodologia.....	44
CAPÍTULO VI: Análise do Plano de Aula Comentada	46
Considerações Finais	55
Referências Bibliográficas	58

INTRODUÇÃO

Os gêneros textuais são alvo de estudiosos como Bakhtin (2003), que explica que, toda vez que uma pessoa faz uso da linguagem, ela usará algum tipo de texto, mesmo que de forma inconsciente. Já Bronckart (1999) define que gênero é uma sequência estável, moldada a partir da atividade linguística. Por fim, Marcuschi (2002, 2003) afirma que os gêneros são ligados de maneira profunda à vida cultural e social do povo que os utiliza. Essa ideia vai de encontro à “relatividade estável” que Bakhtin expõe, já que o gênero textual se adequa ao ambiente, pessoa e momento que será utilizado. Por isso, o estudo deles é de extrema importância dentro da sala de aula.

Dentro desse contexto, é importante salientar que a Língua Portuguesa é disciplina obrigatória nas escolas brasileiras e é por meio dela que a maior parte da população que vive no País inicia sua comunicação. Por esse motivo, quanto maior o uso de ferramentas que auxiliem o trabalho do professor, melhor será a diversidade dentro de sala de aula. Nesse cenário, as tiras/histórias em quadrinhos, são um gênero textual trabalhado por professores de Português sendo inclusive apontados, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), como alternativa no processo ensino-aprendizagem; além disso, por meio delas, que crianças e adolescentes podem desenvolver a imaginação, vocabulário e capacidade de interpretação. Vale evidenciar que demorou alguns anos para que seu uso fosse aceito nas escolas como ferramenta de trabalho e os PCN, quando foram elaborados, colaboraram para que esse uso fosse expandido.

O presente trabalho apresenta questões históricas relacionadas às Histórias em Quadrinhos. Nele é possível encontrar, primeiramente, a fundamentação teórica, que apresenta citações de estudiosos como Eisner (1989), Saussure (2004), Bakhtin (1934-35, 2003), Gadotti (2003), dentre outros. Abordará questões a respeito do contexto social das HQ's no mundo e

seu percurso histórico no Brasil. Após isso, encontraremos o papel que o professor exercer na formação do aluno por meio do uso dos quadrinhos, uma análise dos personagens das histórias da *Mafalda* e de *Níquel Náusea* e da linguagem utilizada, o uso desse gênero nas aulas de língua portuguesa, há também breve explicação das diferenças entre tiras/HQ's, cartum e charge, pois são elementos muito utilizados, principalmente em livros de português, a fim de exemplificar e ilustrar conteúdos. Há um capítulo específico de metodologia, onde expõe como foi feita e o tipo de pesquisa utilizada, a pergunta: Como trabalhar com Histórias em Quadrinhos, focando uma abordagem significativa para o 6º ano do Ensino Fundamental? E os seguintes objetivos: Reconhecer analisando o percurso histórico dos quadrinhos no mundo e Brasil; Relacionar as influências positivas das Histórias em Quadrinhos para o desenvolvimento do gosto pela leitura por parte de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental; Planejar baseando-se nos conhecimentos adquiridos por meio da leitura das Histórias em Quadrinhos no dia-a-dia escolar dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Ao final da monografia há uma análise de um plano de aula, que ajudará o professor de Português a montar sua aula, fazendo uso desse gênero.

É importante ressaltar que o presente trabalho debate como os quadrinhos servem de incitação pedagógica e são ferramentas significativas para o trabalho do profissional de Língua Portuguesa dentro de sala de aula, fazendo com que as aulas tenham um diferencial e com isso, tragam um estímulo maior aos educandos. Diante do exposto, objetiva-se com esse TCC, auxiliar na formação do educador de Língua Portuguesa e também aplicá-lo como recurso pedagógico no processo de ensino-aprendizagem nas escolas brasileiras.

CAPÍTULO I

Fundamentação teórica

Um brasileiro vai pensar em Português, sonhar em Português e falar utilizando essa língua, salvo quando está estudando ou treinando outra. A linguagem, no entanto é um termo genérico e ela pode ser classificada em verbal: em que se utiliza o verbo, podendo ser falada ou escrita e não verbal: que seriam os gestos, desenhos, cores, sendo um exemplo disso o cartão vermelho em um jogo de futebol. Esse símbolo é uma linguagem universal, que determina a expulsão de um determinado jogador, sendo assim, não é necessário falar nada para que se entenda seu significado.

De acordo com Bakhtin (1998), o camponês não pensava antes de utilizar a língua, já que era um processo automático e esse continua a ser algo que não requer que se cogite, basta tão somente a ação do homem. O filósofo acreditava que a língua materna e sua estrutura gramatical não são aprendidas mediante uso de dicionários ou gramáticas, mas sim por meio do que é vivenciado no cotidiano, ela é adquirida conforme o meio que nos rodeia.

A partir disso, é possível perceber que a linguagem é fundamental para todas as pessoas. Segundo Daniel (2009), para o site Os Escribas do Brasil, na antiguidade, há cerca de três mil anos os egípcios possuíam uma linguagem própria chamada de egípcio arcaico ou antigo. O curioso é que nesse período não havia nenhuma gramática, por isso o povo aprendia sua língua por meio da prática.

Para Cereja (2008, p. 13), a linguagem é um processo pelo qual as pessoas interagem entre si:

“existem diferentes tipos de linguagem. A fala, o gesto, o desenho, a pintura, a música, a dança, o código de trânsito,

tudo isso é linguagem. Cada tipo de linguagem apresenta uma unidade básica diferente.” (Cereja, 2008, p.13).

Já Viotti (2007, p.2) explica que, na Idade Moderna, após a descoberta das Américas e da África e um grande domínio europeu sobre a Ásia, brotou um interesse linguístico, pois os europeus estavam perante novas línguas, muito diferentes da sua por sinal. A Europa não podia mais se dar ao luxo de ficar aprisionada ao estudo do grego e do latim. A partir desse período, surge uma nova linhagem de estudos linguísticos, que atingiu seu ápice no século XIX, que eram os estudos histórico-comparativos. Viotti (2007, p. 2) ainda afirma que, no ano de 1816, Franz Bopp, estudioso da história das línguas, publicou um estudo comparativo de conjugação verbal, mostrando a semelhança entre diversas línguas dentre elas o latim, o persa e o grego. Daí em diante, é visível a ideia de parentesco entre elas. É após esse momento que Ferdinand de Saussure tem como norte os estudos histórico-comparativos, para seu trabalho. Desse episódio em diante, a linguística passa a ser uma ciência “ela não só descreve fatos linguísticos, mas busca uma explicação coerente para sua ocorrência”, conforme Viotti. Segundo a professora, Saussure defende que linguagem é uma capacidade humana; a partir dela, o homem pode produzir e desenvolver a língua. O estudioso afirma ainda que ela é heterogênea, ao contrário de língua, que é algo bem definido e de extrema importância para a faculdade da linguagem. Ou seja, a linguagem é a capacidade que o homem tem de produzir sistemas associados a determinadas formas como a dança, a língua, as artes. Com isso, o objeto da linguística é a língua.

Como foi dito anteriormente, há vários tipos de linguagem e a história em quadrinhos faz o uso da linguagem mista. Porém, há de se pensar que pessoas analfabetas podem sim utilizar as HQ's,¹ já que muitas vezes somente as imagens já expressam perfeitamente o que os personagens estão dizendo. Para Eisner, (1989, p. 37) “a função fundamental da arte dos quadrinhos (tira ou revista), que é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras”.

¹ A expressão HQ refere-se à História em Quadrinhos.

Assim as histórias são de fácil compreensão, geralmente despertam em crianças e adolescentes um interesse maior e devem ser utilizadas a favor do educador, já que, em sala de aula, é nítida a falta de atenção por parte de alguns alunos, que, infelizmente, não querem aproveitar a oportunidade que possuem em suas mãos de aprender mais.

As Histórias em Quadrinhos apresentam alguns elementos que facilitam o entendimento, tais como: quando acaba determinada história, aparece a palavra FIM, os personagens estão sempre caracterizados da mesma forma, facilitando assim, seu reconhecimento, os heróis são bonitos e bons (na maioria das vezes), ao contrário dos vilões que são feios e malvados, como é o caso de Batman e Coringa.

Por alguns anos, estudiosos como psiquiatra Wertham² trataram as Histórias em Quadrinhos como um gênero inferior, ou seja, subliteratura. Esse termo pejorativo se refere à literatura de baixa qualidade, que provavelmente não acrescentaria ideias proveitosas para seus leitores. Sendo assim, essa literatura englobaria textos sem prestígio e sem reconhecimento. Fogaça (2003, p. 124) destaca em sua obra que:

“historicamente, os quadrinhos têm sido tratados pela sociedade como uma subliteratura e, ainda mais, como uma linguagem nociva ao desenvolvimento psicológico e cognitivo de quem a consome. Essa visão decorre de argumentos infundados sobre a influência dos quadrinhos tanto na delinquência juvenil, como no desinteresse das crianças e jovens pela leitura de livros formais. E qual a principal instituição que está por trás desses argumentos? A própria escola, que deveria, a princípio, ser a maior incentivadora e formadora de leitores.” (Fogaça, 2003, p.124).

De acordo com Cirne (1977, p.11), a HQ foi considerada “subliteratura prejudicial ao desenvolvimento intelectual das crianças. Sociólogos apontavam-nas como uma das principais causas da delinquência juvenil”. Ou seja, a sociedade realmente acreditava que o que estava exposto em uma história modificaria o caráter das crianças e/ou adolescentes que a consumiam, já que

² Fredric Wertham, (1895 a 1981), foi um psiquiatra americano que protagonizou protestos contra os supostos efeitos nocivos das HQ's principalmente no desenvolvimento das crianças. Seu livro mais conhecido foi *A Sedução do Inocente* (1954), que conduziu uma comissão de investigação do Congresso norte-americano contra a indústria de *comics* e a criação do *Comics Code*.

não raramente apresentavam enredos que abordavam temas violentos e de cunho erótico.

As Histórias em Quadrinhos já foram rotuladas como subliteratura e proibidas em escolas. Porém, antes de esclarecer esses dados históricos, é preciso compreender, o que vem a ser subliteratura. O prefixo *sub* dá a ideia de algo inferior, abaixo e a palavra literatura vem do latim *litteris*, que significa letras, remete, então à produção literária. Sendo assim, subliteratura dá a ideia de texto abaixo do esperado, inferior a literatura. E o que significa paraliteratura? É o conjunto das produções textuais excluídas pelo julgamento social da literatura propriamente dita, conforme o *site* Dicio. Cardoso (2001, p. 82) escreve sobre literatura, subliteratura e paraliteratura e as classifica da seguinte forma:

“a literatura secundária ou menor (uma literatura menor ainda integrada no termo) e a paraliteratura (literatura periférica, marginal, em posição inferior numa comunidade), a infraliteratura e a subliteratura (textos desprestigiados sem valor reconhecido), a literatura de consumo (textos de entretenimento trivial, ligeiros, desprovidos de grandes juízos estéticos), a literatura de massa (dirigida a um grande público unido por características socioculturais semelhantes e sem grande formação específica), a literatura popular (que pode ser entendida no sentido romântico da mitificação do povo ou num sentido mais restrito de um público sem formação significativa, que procurava um texto lúdico, ou de informação sem preocupações de rigor ou avaliação estético-literária), a literatura marginal (que se afasta nitidamente do núcleo central e sagrado das grandes obras) e a literatura ‘kitsch’ (hábeis textos de temática variada, mas leve, frívola e vazia)”. (Cardoso, 2001, p.82).

Compreende-se que a subliteratura é classificada como um texto sem prestígio. Porém, é interessante notar que segundo Aguiar e Silva (1976, p. 36 APUD Cardoso, 2001, p. 81) a classificação dos textos tem uma alta rotatividade, já que textos que ora eram tidos como literatura de baixa qualidade, tempos à frente já assumiram um papel distinto na sociedade e essa ideia é exposta no trecho:

"há, com efeito, elementos textuais considerados num período histórico como extraliterários - e até antiliterários - e que noutra período histórico podem vir a ser considerados como elementos textuais literários. Assim, por exemplo, o classicismo francês excluía dos textos literários temas de origem e natureza folclórica e elementos lexicais de cunho realista ou próprio do comportamento linguístico de extratos sociais

inferiores. Posteriormente, o Pré-Romantismo e o Romantismo conferiram àqueles temas estatuto literário e o realismo e o neorrealismo converteram em relevante fator textual literário aquele léxico postergado pelo código do classicismo francês." (Aguilar e Silva, 1976, p.36 APUD Cardoso, 2001, p. 81)

Em 2000, Caldas (p.81) escreveu um livro a respeito da literatura de massa e nele há um capítulo destinado à subliteratura onde é possível encontrar relatos a respeito de alguns autores brasileiros que fazem uso desse gênero:

“alguns escritores brasileiros como João F. de Lima, Cassandra Rios, Márcia Fagundes Varela, Adelaide Carraro, entre outros, dedicaram-se a um tipo de literatura muito pouco conhecida nos meios acadêmicos do país.[...] essa literatura existia nos Estados Unidos com Francis Miller, por exemplo, com grande ressonância junto ao público. É somente a partir do início da década de 60 que aparece no Brasil, com duas escritoras já bastante conhecidas do público, um tipo de literatura que chamaremos, a partir de agora, de **subliteratura (GRIFO NOSSO)**. A rigor, trata-se de obras que mostram insistentemente o erotismo, indo desde a prática do coito puro e simples entre casais, passando pela homossexualidade indo até as tramas sadomasoquistas”. (Caldas, 2008, p.81)

Paes (1989, p.8) propõe que os leitores passam por estágios, ou seja, iniciam a leitura de textos mais simples, alguns deles considerados como subliteratura e, a partir disso, passam para outros mais elaborados. Ele defende que, na nossa cultura, a maioria dos letrados gostaria de ser extremamente culto e conseqüentemente, somente ler textos mais elaborados, porém não é isso que ocorre. Geralmente os livros considerados subliteratura são os mais lidos. Paes relata:

“numa cultura de literatos como a nossa, todos sonham ser Gustave Flaubert ou James Joyce, ninguém se contentaria em ser Alexandre Dumas ou Agatha Christie. Trata-se obviamente de um erro de perspectiva: da massa de leitores destes últimos autores é que surge a elite de leitores daqueles, e nenhuma cultura realmente integrada pode se dispensar de ter, ao lado de uma vigorosa literatura de proposta, uma não menos vigorosa literatura de entretenimento”. (Paes, 1989, p.8).

A leitura passa por diversas fases na vida de uma pessoa, ou seja, uma pessoa, geralmente não irá iniciar seu processo de leitura consumindo um livro de difícil entendimento, vai passar pelos mais fáceis primeiramente. Diante do exposto, é possível perceber que as histórias em quadrinhos, por mais simples que sejam, são importantes para o desenvolvimento do leitor. Já que é por

meio das HQ's e outras literaturas mais fáceis de ler, que o leitor inicia e evolui para outros gêneros.

Não existem motivos para se pensar que as histórias em quadrinhos sejam uma leitura de menor importância e muito menos que ela irá dificultar o desenvolvimento da leitura, já que muitos adultos iniciaram o gosto pela literatura a partir do consumo de histórias em quadrinhos. Para William Erwin Eisner (1989, p.7), importante desenhista que iniciou sua carreira nos anos 30,

"nos tempos modernos, a tira diária de jornal e, mais recentemente, a revista de quadrinhos constituem o principal veículo da Arte sequencial. Na medida em que se tornou mais evidente o potencial desta forma, foi introduzida uma melhor qualidade e uma produção mais cara. Isso, por sua vez, resultou em publicações vistosas, em cores, que atraem um público mais refinado, ao mesmo tempo em que as revistas de quadrinhos em preto-e-branco impressas em papel de boa qualidade também encontravam a sua clientela. A história em quadrinhos continua a crescer como forma válida de leitura." (Eisner, 1989, p. 7).

Há um fato histórico, que ajuda a explicar o motivo pelo qual as histórias em quadrinhos foram classificadas, durante anos como subliteratura. Segundo P. Couperie et al. 1970 (APUD Bonifácio 2005, p.9), foi feita uma pesquisa, nas primeiras décadas do século XX (1923 e 1924) com cinco mil crianças do Kansas e Missouri, nos Estados Unidos, a fim de descobrir o público leitor de histórias em quadrinhos. Foram ouvidas crianças e adolescentes de 08 a 15 anos de idade e, a partir daquele instante, acreditavam que somente pessoas que viviam na zona urbana e que somente crianças liam as HQ's, partindo daí a ideia de que essa literatura era para crianças e/ou menos letrados. Porém essa pesquisa se concentrou em somente classificar os entrevistados pela etnia, sexo e condição socioeconômica.

Na década de 1930, perante a crise financeira, grandes jornais resolveram retirar as tirinhas de suas publicações, porém os editores perceberam por meio do Instituto Gallup³, que as histórias em quadrinhos traziam grande interesse não só de crianças e semianalfabetos, bem como do

³ George Horace Gallup, professor norte-americano, nas eleições de 1936, fez uma pesquisa com somente 1500 eleitores e constatou de Franklin Roosevelt seria o vencedor, ao contrário do divulgado por diversos jornais norte-americanos, como o *Literary Digest*. Após esse sucesso, Gallup evoluiu seus serviços e atualmente o Instituto Gallup opera em 14 centros nas Américas e coleta informações em 27 países da região.

público considerado sério “os banqueiros, os reitores de universidade, os professores, os doutores, leem os ‘comics’ tão avidamente quanto os motoristas e os operários.” Couperie (1970, p.151).

Até 1960, outras pesquisas foram feitas a fim de comprovar que a sua leitura não é algo infantil. Inclusive, sobre essas pesquisas Couperie destacou que:

“encontraram nas pessoas mais cultas um vivo interesse pelas histórias em quadrinhos, uma alta estima como gênero, como meio de expressão, e uma firme oposição contra as opiniões que as condenavam totalmente (...) os ‘comics’ estão intimamente ligados às lembranças da infância, porém mais de 50% dos entrevistados declararam que a leitura das histórias não era um mero passatempo, mas um prazer positivo (...). Em relação à atitude das pessoas cultas, os resultados da pesquisa anterior foram confirmados: elas sentem que estão traindo a cultura, e temem parecer atrasadas porque se julgam exceções em seu grupo”. (Couperie, 1970, p.151)

A escola tem um poder muito grande na vida de seus alunos, principalmente quando eles já são adultos e não tiveram a oportunidade, no tempo certo, de serem alfabetizados. Esses alunos, possivelmente, já enfrentaram situações delicadas por não saberem ler, como por exemplo, terem dificuldades em efetuar uma compra, escrever para alguém e até mesmo pegar um ônibus. Já que para todas essas situações, é necessário ser alfabetizado. As histórias em quadrinhos, nesse caso, podem ajudar bastante nesse processo de aprendizagem, já que sua leitura é prazerosa e seus consumidores, a partir do primeiro dia de aula já podem identificar o que se passa na situação ilustrada, bastando para isso fazer a “leitura” das imagens. Eisner em seu livro *Quadrinhos e Arte Sequencial*, páginas 7 e 8 expõe que Tom Wolf (1977) escreveu na *Harvard Educational Review*:

"durante os últimos cem anos, o tema da leitura tem sido diretamente vinculado ao conceito de alfabetização; (...) aprender a ler (...) tem significado aprender a ler palavras (...) Mas (...) gradualmente a leitura foi se tornando objeto de um exame mais detalhado. Pesquisas recentes mostram que a leitura de palavras é apenas um subconjunto de uma atividade humana mais geral, que inclui a decodificação de símbolos, a integração e a organização de informações(...) Na verdade, pode-se pensar na leitura - no sentido mais geral - como uma forma de atividade de percepção. A leitura de palavras é uma manifestação dessa atividade; mas existem muitas outras leituras - de figuras, mapas, diagramas, circuitos, notas musicais (...)" (Wolf, 1977 APUD Eisner, 1989, p. 7-8).

CAPÍTULO II

A Relação entre as HQ's e o Contexto Social no Mundo

A história em quadrinhos (HQ) é uma forma de arte que reúne textos e imagens, expondo diversos gêneros⁴ e estilos. Geralmente, são escritas em formato de revistinhas ou tiras (publicadas em livros ou revistas). São conhecidas por vários nomes, dependendo do país que é utilizada. Podemos citar: os *tebeos*, na Espanha, *mangás* no Japão, *fumetti* na Itália, *bande dessinée* na França, *historietas* na Argentina, *muñequitos* em Cuba e *comics* nos Estados Unidos da América.

A pesquisadora Luyten (2001/2002), explica sobre a herança dos quadrinhos e releva que a Idade Medieval teve participação no processo de criação das HQ. Para a Revista da USP ela revela que:

“da herança medieval ocidental temos um caminho constante trilhado que vai dos afrescos, pinturas, gravuras e esculturas. A tradição das iluminuras, pacientemente desenhadas pelos monges medievais, deu origem aos textos ilustrados onde encontramos as raízes dos quadrinhos ocidentais dos séculos XIX e XX”. (Luyten, 2001/2002, p. 178).

A origem das histórias em quadrinhos se deu no século XX. Podemos citar como precursores desse gênero: o italiano Angelo Agostini cartunista, desenhista, ilustrador, crítico, pintor e gravador, que exerceu suas profissões no Brasil; o francês Georges ("Christophe") Colomb - professor de ciências naturais e subdiretor do instituto de botânica de Sorbonne. Em 1887, Colomb publicou seus desenhos no *Mon Journal* com o pseudônimo de Christophe, em homenagem a Cristovão Colombo-; o suíço Rudolph Töpffer (ilustrador,

⁴ Conforme Marcushi (2004): “os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. (...) Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”.

nascido no último ano do século XVIII) e o alemão Wilhelm Bush (cartunista, que enriqueceu suas narrativas com figuras hilárias, que cativaram as crianças da época).

A primeira História em Quadrinhos de que se tem notícia é *The Yellow Kid*, de 1896, de Richard Fenton Outcalt; ele inseriu os famosos balões nas figuras das histórias em quadrinhos. Inicialmente, as HQ's eram somente com teor humorístico, por isso o nome em inglês *comics* (cômicos). No século XX, começaram a surgir algumas histórias em quadrinhos voltadas ao público adulto, como foi o caso de *Krazy Kat* de George Herriman, que narrava a história de um amor platônico vivido pelo personagem título, que possuía gênero indefinido, o rato *Ignatz* e o cão policial *Bull Pupp*. Na história, *Kat* nutre um amor não correspondido pelo rato. Essa HQ inaugura o uso de animais em tirinhas e abre as portas para o surgimento de muitas outras como o *Gato Félix* de Pat Sullivan, que conta a história de um gato que se mete em muitas confusões e que usa muitas vezes seu rabo como ferramenta. Outro animal que ficou muito conhecido foi *Mickey Mouse*, de Walt Disney, que se tornou o símbolo, até os dias de hoje, da The Walt Disney Company.

Entre 1929 e 1930, surgiram *As Aventuras de Tintin*, em francês *Les Aventures de Tintin*, de Georges Prosper Remi, também conhecido por Hergé. A história ganhou sua própria revista, se tornou filme, foi adaptada para o teatro e fez muito sucesso por anos. Contava a história de um jovem repórter belga, que passava por diversas aventuras, sempre acompanhado de seu fiel escudeiro, o cão *Milu*. Um ano após, na década de 30, surgiram as seguintes personagens: *Popeye*, que contava a história do triângulo amoroso do personagem principal, Olivia Palito e Brutus, que foi escrito pelo cartunista norte-americano Elzie Crisler Segar. Já *Tarzan* narrava a vida de *John Clayton III*, lorde *Greystoke*, que foi viver na selva ainda pequeno e foi adotado pelos macacos. Seu apelido, *Tarzan*, significa pele branca. A história foi escrita por vários autores como Harold Foster (seu primeiro escritor), Burne Hogarth, que foi o maior ilustrador do personagem e também Rex Maxon, que substituiu Foster por cerca de dezesseis anos nas criações das aventuras desse personagem. *Betty Boop*, que ficou conhecida por ser vaidosa, independente e

provocadora em exibir decotes e estar sempre de pernas de fora, foi criada pelo polonês de Cracôvia, Max Fleischer.

Na década de 1920, surgiram às revistas especializadas em HQ, como as japonesas, que foram as pioneiras e, em 1933, surgiram também as norte-americanas como *Funnies on Parade*.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, vários personagens passaram a se envolver em tramas que traziam como tema principal a violência e guerra, como *Capitão América*, *Wolverine*, *Homem Tocha* e *Capitão Marvel*.

Com o tempo as HQ começaram a ficar cada dia mais violentas e pais e educadores iniciaram protestos a fim de proibir a circulação dessas edições. A situação tornou-se tão complicada, que o governo norte americano chegou a proibir a publicação de muitas histórias por considerar as mesmas muito violentas já que traziam muitas narrativas de terror. Essa perseguição fez com que as vendas das HQ despencassem, pois os heróis eram o carro-chefe. Com isso, as tirinhas de jornais voltaram a ter seus dias de glória, graças ao fracasso das HQ. Foi nesse período que apareceram personagens importantes como *Asterix* do francês Albert Uderzo e *Smurfs* de Pierre Culliford, o Peyo.

Entre 1950 e 1980, as HQ's eram taxadas, principalmente por professores e pais, como impróprios para as crianças e adolescentes, isso porque Fredric Wertham abominou tanto as histórias, ao ponto de escrever em seu livro *A Sedução do Inocente* (1954), o seguinte: "Quando vamos acordar para o mal terrível que está sendo feito pelos quadrinhos?" (Wertham, 1954, p. 24). No começo dessa obra, é citada a história de *Willie*, um jovem de 14 anos, que morava com a tia e foi acusado de assassinato. É interessante notar que Wertham relata que o adolescente foi condenado pela justiça e que depois alguns editoriais culpavam sua tia, já que o rapaz possuía em seu quarto histórias em quadrinhos. Diziam que ela era irresponsável na formação do menino.

Além disso, segundo Érico Assis (2011), colunista da Cia das Letras:

"para o psiquiatra, havia homoerotismo claro e nocivo na relação entre Batman e Robin. A Mulher-Maravilha, sempre às voltas com inimigas que a amarravam em poses sugestivas, simbolizava as taras sexuais (o que seu criador William

Moulton Marston confirmaria, aliás). Superman, o homem melhor que os outros, só poderia estar estimulando impulsos fascistas. ‘Aquele S grande no uniforme — devíamos, creio eu, agradecer que não é um S.S.’ (Assis, 2011).

Ou seja, Wertham acreditava que as histórias em quadrinhos eram muito violentas, muitas vezes eróticas e que também relatavam experiências homossexuais. Tanto que ele acreditava que Batman e Robin possuíam uma relação amorosa, que em seu livro citado anteriormente diz:

“algumas vezes Batman está na cama por causa de algum ferimento. Robin aparece sentado ao seu lado. Eles levam uma vida idílica. Eles são Bruce Wayne e Dick Grayson, Bruce é descrito como milionário *bom vivant* e Dick como seu pupilo. Eles moram numa mansão suntuosa com lindas flores em vasos enormes. Eles têm um mordomo, Alfred. Batman aparece algumas vezes de roupão. Parece um paraíso, um sonho de consumo de dois homossexuais que vivem juntos. Às vezes aparecem num sofá. Bruce reclinado e Dick ao seu lado sem paletó e de camisa aberta.” (Abbade, 2008 APUD Wertham, 1955).

Para a época, essa obra causou um impacto muito grande na sociedade, que, a partir desse momento, se tornou mais aversa à leitura de histórias em quadrinhos. Com isso, crianças e adolescentes, ao serem flagrados por seus professores fazendo leitura dessas HQ's, perdiam seus exemplares e esses poderiam ser rasgados e até mesmo queimados.



HQ sendo levadas para serem queimadas

Com a implantação do código de ética, as HQ retomaram seu lugar no mercado, na década de 60. Esse código previa menos violência nas Histórias em Quadrinhos. Nesse período, surgiram importantes personagens como

Homem Aranha, criado em 1962, que estreou na revista *Amazing Fantasy*; O *Quarteto Fantástico*, sendo que seu primeiro gibi surgiu em 1961, no mês de novembro, - um pouco depois de Yuri Gagarin se tornar o primeiro homem a ir ao espaço, ele foi lançado na época que Estados Unidos da América e União Soviética disputavam a corrida espacial -, *Thor*, que surgiu em agosto de 1962 no *Journey into Mystery*, e o *Surfista Prateado*, que nasceu em 1968, porém teve uma criação de certa forma bastante conturbada.

Algum tempo depois, em 1963, veio à tona a febre dos super-heróis mutantes, com o surgimento do *X-Men*, criação de Stan Lee. Com eles, o mercado de HQ se viu livre de um sério problema que era o fato de sempre ter que criar heróis muito parecidos com os seres humanos, já que os mocinhos agora eram na verdade seres mutantes, uns com garras nas mãos e que se regeneravam, como o *Wolverine*, que lia pensamentos - *Professor Xavier* e *Jean Gray* – atraíam objetos de metal como *Magneto* ou até mesmo que controlavam os fenômenos meteorológicos, como a *Tempestade*.

Jim Davis, em 1978, criou um gato laranja, chamado *Garfield*, homenagem ao avô de Jim chamado James Garfield. Esse animal foi escolhido já que existia um número grande de histórias em quadrinhos relatando a vida de cães e poucas de gatos. Ele não possuía raça definida e sempre fazia suas escolhas. Um animal que amava comer lasanha, dormir muito, sempre encrencava com o cachorro de *John*, seu dono.

Percebe-se que as Histórias em Quadrinhos enfrentaram uma verdadeira batalha no início de sua circulação. O preconceito que as rodeavam era gigantesco, ao ponto de ser proibida sua leitura. No entanto, todo o esforço de acabar com elas foi em vão, já que seus consumidores não se deixaram abalar e talvez esse problema possa ter até mesmo ajudado sua disseminação no mundo. A verdade é que a HQ não acabou e de certo se tornou mais forte após essa proibição, visto que a partir de tal episódio surgiram mais personagens e suas histórias se diversificaram mais ainda.

Atualmente, há de se pensar no maior uso desse recurso em sala de aula, já que existem inúmeras publicações e elas abordam vários temas. Elas já são utilizadas em maior escala por professores de Língua Portuguesa,

porém educadores de outras disciplinas também as podem utilizar como ferramenta de aprimoramento do conteúdo ministrado. Como exemplo desse apoio pedagógico pode-se citar: os *Mangás*, que são Histórias em Quadrinhos criadas no Japão. Hoje é possível conhecer um pouco mais da cultura do país por meio dessas histórias e isso poderia ser aproveitado por professores de História e Geografia.

2.1 - Histórias em Quadrinhos no Brasil

Ao se falarmos de HQ, não podemos esquecer sua influência no Brasil. O País ainda não um grande produtor de histórias em quadrinhos, porém a consome com frequência.

As Histórias em Quadrinhos começaram a ser produzidas no Brasil a partir de 11 de outubro de 1905, com O *Tico-Tico* que sofreu influência das histórias europeias como *La Semaine de Suzette*. Magalhães (2005) explica que essa edição não era organizada como nos dias atuais, que as histórias são dedicadas inteiramente a um personagem ou equipe de heróis. Essa revista era voltada às expressões culturais, enfatizando a literatura, porém não deixando de lado os quadrinhos, uma arte que iniciava no país. Além disso, ela contava com uma seção que trazia informações relacionadas à moral e cívica, artes, geografia, matemática e informações científicas.

O cunho educativo das HQ's na época era visível e trazia diversos benefícios aos leitores, principalmente às crianças em idade escolar, já que poderiam acumular e utilizar essas informações em seus estudos. Essas informações não eram apresentadas de forma forçada, eram postas e forma sutil em contos, brincadeiras e jogos.

Magalhães (2005) expõe alguns dados curiosos da publicação O *Tico-Tico*:

“(...) um dos personagens mais queridos da revista era tido como brasileiro, mas teve sua origem nos Estados Unidos. *Chiquinho*, seu cãozinho *Jagunço* e a garota *Lili* eram, na verdade, uma cópia de *Buster Brown*, *Tige* e *Mary-Jane*, de

Richard F. Outcalt, autor do também conhecido *Yellow Kid*, ou *Garoto Amarelo*.” (Magalhães, 2005).

A partir desse relato é possível perceber que o Brasil havia conseguido produzir Histórias em Quadrinhos, porém ainda mantinha um vínculo muito grande com as HQ's estrangeiras, fato que foi se modificando com o tempo, pois os quadrinhos brasileiros foram criando suas próprias características e se tornaram respeitados e admirados por crianças e adolescentes. Exemplo disso são as revistinhas de Maurício de Sousa.

A publicação de O jornal *Gazeta* publicava a *Gazetinha*, caderno infanto-juvenil. Foi nele que surgiram as primeiras publicações dos quadrinhos nacionais e estrangeiros, no período de 1930 a 1945, justamente durante a Era Vargas.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a charge se difundiu muito no território brasileiro. Nesse período, as HQ's foram muito importantes, principalmente para os Estados Unidos, já que o país precisava de uma população unificada e que estivesse de acordo com a Guerra. Por isso, foi criado o personagem *Capitão América*. Inclusive, na primeira edição de seu quadrinho, ele aparece socando Adolf Hitler.

Após esse período, os quadrinhos passaram por dificuldades, inclusive no Brasil, já que foram classificados como inapropriados para crianças e adolescentes. Os pais, professores e alguns autores criam que essas histórias eram exageradamente violentas. Prova disso é o livro de Fredric Wertham (1954), *Sedução do Inocente*.

No território brasileiro, há um autor muito conhecido. Maurício de Sousa inspirou-se em sua filha para criar a personagem principal de suas revistas em quadrinhos. *Mônica* atualmente é conhecida por várias crianças e adultos, já que alguns leram suas aventuras quando pequenos.

Conforme informações do site oficial da *Turma da Mônica*, Maurício nasceu em 1935, em São Paulo. Em 1959, ele escolheu trabalhar com os desenhos; surgiam aí seus primeiros personagens: o cãozinho *Bidu* e seu dono *Franjinha*. Suas histórias eram publicadas, inicialmente, na *Folha*. Nos anos seguintes foram nascendo outros personagens como *Cebolinha*, *Astronautas* e *Penadinho*. Já em 1970, nasce a primeira revista da *Turma da Mônica*.

Maurício explicou à repórter Vanessa Andrade o motivo de introduzir personagens femininas em suas histórias:

“os primeiros personagens que criei eram todos homens, tudo molecada, mas alguém me chamou a atenção dizendo que só tinha histórias de moleque, isso por que fui moleque. Então percebi que não sabia escrever histórias sobre mulheres, nunca fui mulher e não saberia escrever sobre o que elas estavam pensando. Foi neste momento que resolvi olhar para minhas filhas”. (Sousa, 2013).

É importante ressaltar que a maioria das personagens de Maurício de Sousa é inspirada em pessoas reais. *Mônica* e *Magali* foram criadas a partir das características de suas filhas, *Cebolinha* e *Cascão* em dois meninos que o autor conheceu em Mogi das Cruzes, já *Franjinha* é inspirado no autor mesmo.

Maurício procurou trabalhar com conflitos vividos por crianças, que muitas vezes aos olhos dos adultos são banais, porém para os pequenos são desafios diários, conforme o próprio cartunista manifestou na entrevista.

As personagens de Maurício atingiram pessoas de diversas idades; pais, mães e filhos podem se divertir com as aventuras da *Turma da Mônica* e os estados de São Paulo e Rio de Janeiro contam com um parque temático que leva diversão para várias pessoas.

Em março de 2013, *Mônica* completou 50 anos e essa comemoração contou com diversos eventos como exposições, revistinhas especiais e até uma programação especial em um canal infantil de TV por assinatura, que disponibilizou aos seus telespectadores desenhos da *Turma*, conforme expos Maurício e Mônica em uma entrevista para o site G1.

CAPÍTULO III

O Gênero HQ's e sua Influência na Formação do Leitor

O professor tem um papel de extrema importância na formação de seu aluno. Recentemente a revista Nova Escola (2012, p.40) publicou uma pesquisa expondo que:

“quase metade dos leitores brasileiros diz que o professor foi quem mais o influenciou a ler. A informação é da pesquisa *Retratos da Leitura do Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-Livro. (...) Se a influência docente é grande, há que pensar em como aproveitá-la”. (Escola, 2012, p. 40).

A edição expõe um gráfico mostrando que, em 2011, 45% dos professores eram responsáveis pelo impacto na escolha da leitura de seus alunos contra 33% em 2007. Com isso, é possível perceber o quão importante é o professor saber escolher bem aquilo que será trabalhado em sala e, até mesmo, sugerido a seus alunos.

Nas salas de aula, são diversas as vantagens que as HQ's trazem para professores e alunos. Além de ajudar os alunos a se interessem mais pelos conteúdos ministrados, elas podem oferecer uma gama de informações. Exemplo disso é a coleção “*Você sabia?*” do desenhista Maurício de Sousa. O brasileiro criou revistinhas que apresentam temas relacionados ao calendário cívico nacional, tais como: Proclamação da República, Descobrimento do Brasil, Abolição da Escravatura, fazendo com que esses episódios sejam do conhecimento, principalmente do público infantil, ajudando na construção do conceito de nação.

Segundo Bonifácio (2005, p. 3-4), a partir de 1997 com a sanção da LDB⁵ e os PCN⁶, as escolas passaram a receber orientações para que

⁵ Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira é a lei geral da educação brasileira. Ela dita as regras da educação no Brasil.

⁶ Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997 é uma coleção de documentos que compõe a grade curricular das escolas brasileiras. Ele serve como ponto de partida para o trabalho do docente.

fizessem uso de diferentes meios e linguagens, com isso as instituições passaram a introduzir diversos recursos em suas salas de aula e um desses foi a HQ. Professores de várias disciplinas inseriram revistas, jornais, vídeos, os próprios quadrinhos, trazendo assim, uma aproximação da escola para o dia-a-dia dos alunos e conseqüentemente do mundo moderno.

Vale ressaltar o que Bonifácio (2005) afirma:

“pesquisas importantes têm sido feitas, analisando programas televisivos, a música, a informática, o cinema, e mesmo charges e *cartuns*, considerados antecessores dos quadrinhos. Esse interesse acadêmico por diferentes linguagens deve-se, em parte, à compreensão de que a escola não é mais a única instituição capaz de informar o indivíduo, mas que interage com inúmeros outros meios informativos e comunicacionais podendo, então, caracterizar-se como uma instância de singular valor político e pedagógico, na medida em que possibilite uma ampliação e articulação com os saberes disponíveis socialmente”. (Bonifácio, 2005, p. 8).

Com isso, é possível perceber que atualmente se faz necessária a introdução de novas táticas de ensino, já que os alunos têm acesso muito rápido às notícias, principalmente por meio da internet, e o professor, como formador e transmissor de conhecimentos, não pode deixar de utilizar essas novas ferramentas a seu favor.

Dinamizar a aula é extremamente importante, porque a tecnologia está cada dia mais avançada e, em sala de aula, é possível perceber alunos utilizando da internet para elaborar trabalhos, conhecer novas pessoas, pesquisar notícias. Ou seja, eles se dispersam mais rapidamente, podem perder o interesse por uma determinada matéria e algumas vezes esse desinteresse ocorre, pois lhes é oferecida uma aula monótona.

Sendo assim, é nítida a importância de se utilizarem novos meios que estimulem os alunos. E a história em quadrinhos faz parte dessa nova geração de recursos dentro de sala de aula, já que a mesma é consumida, ainda que timidamente, por professores de língua portuguesa, pois os mesmos conseguiram perceber que esse recurso dá um bom retorno. Alunos se sentem mais estimulados quando deparam com técnicas novas empregadas por seus educadores, a fim de obter resultados mais significativos em seus trabalhos.

Porém para que o educador possa utilizar as Histórias em Quadrinhos em sala, é necessário que ele entenda, primeiramente, a informação que o desenhista queria passar para o público. Além disso, é fundamental saber como irá abordar o tema da HQ, visto que existem quadrinhos dos mais diversos temas e direcionados a grupos distintos.

A formação do professor influencia diretamente na formação do aluno-leitor:

“assim ensinar a língua significa trabalhar com os discursos e os textos que marcam as interações. Nessa perspectiva o que se vê é um processo crescente de se exigir do professor de língua materna, o domínio e a familiaridade com as práticas prestigiadas de uso da língua escrita, e com o aprofundamento de estudos da linguística textual que muitas vezes não são suficientemente abordados nos cursos de formação de professores ou programas de formação continuada. Um dos problemas que se percebe nas práticas de sala de aula é descobrir como articular as noções construídas no quadro do ensino gramatical-frasal com as noções provenientes da linguística textual”. (Rossi, 2008, p. 05).

Projetos como construção de gibitecas⁷ ou oficinas de produção de tirinhas são bem interessantes de ser trabalhados, pois o aluno tem a possibilidade de conhecer melhor o processo de construção desse gênero, além de obter mais informações sobre cartunistas do Brasil e exterior.

Nos dias atuais, é válido que o docente introduza os conteúdos de maneiras distintas, utilizando-se de diversos artifícios, já que estão disponíveis no país metodologias cada vez mais avançadas e a internet é a principal delas. Hoje o professor consegue montar uma excelente aula, fazendo uso de recursos que há alguns anos eram quase que inacessíveis; por exemplo, para um educador ter acesso a uma notícia, era necessário ver algum telejornal ou buscar em um periódico. Porém, atualmente, até mesmo as redes sociais são usadas para transmitir informações.

Gadotti (2003, p.8), afirma que é válido qualquer meio para o aprendizado e isso é bem mais que uma simples reciclagem e atualização dos conhecimentos docentes. A escola e o professor têm papéis fundamentais de ensinar a: pensar, pesquisar, comunicação, ter raciocínio lógico e organizar

⁷ Locais onde são guardados, em ordem os gibis. Esses espaços são muito úteis em escolas que possuem grande acervo.

seus trabalhos. Todas essas características ajudarão os alunos a serem independentes e isso trará bons resultados no futuro desse cidadão.

Resumindo, o professor é um mediador do saber e para que essa mediação funcione é preciso que ele esteja sempre estudando, ou seja, não basta somente a formação em si, o profissional tem que se reciclar, aprimorar seus conhecimentos, talvez seja por isso que algumas instituições de ensino o tratam como facilitador.

Essa mudança de postura por parte das bancas avaliadoras pode ser pelo fato de que, na maioria das vezes, os candidatos são jovens, muitas vezes universitários, que não raramente são apaixonados por histórias em quadrinhos ou que, em algum momento de suas vidas já depararam “gastando” seu tempo lendo algum *gibi*⁸ que relatava as mais diversas histórias. Com isso, é importante conseguir atingir o universo deles.

3.1 – Estrutura das Histórias em Quadrinhos

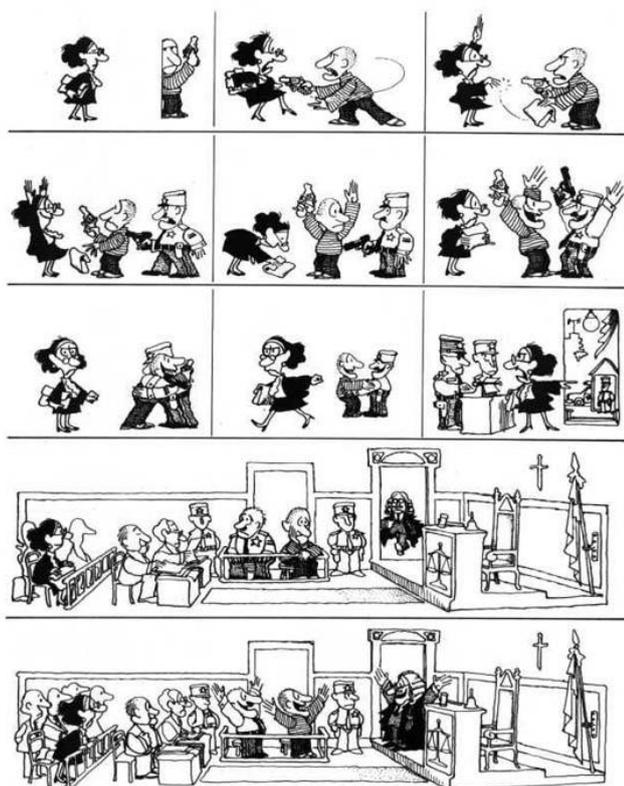
Em uma obra que visa explicar como funciona a confecção de histórias em quadrinhos, Eisner (1989) expõe:

“a configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavras e imagens, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual”. (Eisner, 1989, p.8).

Eisner explica nesse texto os elementos que são necessários para se construir, com qualidade, uma HQ. Por meio deles, é possível reconhecer os quadrinhos. O cartunista ainda defende que as histórias em quadrinhos são compostas por imagens e palavras, que são de suma importância para sua construção. A imagem é muito mais antiga na HQ que as palavras, já que as primeiras HQ's eram compostas somente por imagens que descreviam o

⁸ Em 1937 surgiu no Brasil a revista em quadrinhos Mirim de Adolfo Aizen. Ela era inovadora já que trazia as histórias completas e não mais dividia os capítulos por edições. Com isso, em 1939, Roberto Marinho decidiu criar uma concorrente para a Mirim, a partir de então surgiu a revista Gibi. Ela na foi a primeira no Brasil, porém até hoje empresta seu nome para as publicações nacionais.

enredo. Eisner se refere às Histórias em Quadrinhos sem falas como sendo a princípio algo primitivo; porém, quando estudadas com mais cautela, percebe-se que exigem do leitor “certo refinamento” (p. 24), ou seja, o leitor deve ter mais cuidado e fazer uma boa interpretação das imagens para poder compreender a mensagem do cartunista, como é o caso do quadrinho abaixo que trás uma crítica a corrupção, que ainda persiste na sociedade.



Joaquín Salvador Lavado (Quino) fez alguns cartuns denunciando a corrupção.

Um deles é o famoso quadrinho, também chamado de requadro. Na verdade, é ele que delimita o espaço de uma “cena” da história para outra. Além dele, há também a chamada calha, que são os espaços de um requadro para outro:

“(…) para lidar com a *captura* ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados quadrinhos. (...) São parte do processo criativo”. (Eisner, 1989, p. 38)

Os balões merecem um cuidado especial, já que cada formato define seu tipo de uso. Por exemplo, um balão totalmente redondo, que é o mais comum, exprime a ideia de que as personagens estão tendo uma conversa normal. O balão com formato de nuvem dá a ideia de pensamento. Já a

representação de uma personagem gritando ou som de qualquer máquina, usualmente, é feita por meio do balão “rabiscado”.



Representação dos balões utilizados nos quadrinhos.⁹

Com relação ao uso dos balões, Will Eisner (1989, p. 27) comenta que antigamente, na primeira versão desse recurso, era utilizada uma espécie de fita próxima à boca do emissor; porém, com o tempo, ele foi sendo aprimorado e “deixou de ter apenas a forma de um requadro”. Ainda informa que são de extrema importância:

“o balão é um recurso extremo. Ele tenta captar e tornar visível um elemento etéreo: o som. A disposição dos balões que cercam a fala – a sua posição em relação um ao outro, ou em relação à ação, ou a sua posição em relação ao emissor – contribui para a medição o tempo. Eles são disciplinares, na medida em que requerem a cooperação do leitor. Uma exigência fundamental é que sejam lidos numa sequência determinada para que se saiba quem fala primeiro. Eles se dirigem à nossa compreensão subliminar da duração da fala. Os balões são lidos segundo as mesmas convenções do texto (isto é, da esquerda para a direita e de cima para baixo nos países ocidentais) e em relação à posição do *emissor*.” (Eisner, 1989, p. 26).

A figura de linguagem onomatopeia é muito utilizada em quadrinhos, já que imita sons. Pode representar um grito, um ruído de algo caindo, dentre outros. É representada fora dos balões e sempre próxima da pessoa ou coisa que a emitiu. As palavras utilizadas nesse recurso são na maioria das vezes interjeições e para Luyten (2001,2002):

“quando os quadrinhos apareceram, a onomatopeia ainda não estava incluída nos desenhos. O texto tinha uma importância maior do que o som. No início, a parte escrita ficava localizada abaixo do quadrinho. Gradualmente foi inserido para dentro dos balões cuja função primordial era estabelecer o diálogo entre os personagens. Hoje em dia, as legendas têm a função do narrador ao descrever os acontecimentos e as cenas da

⁹ Fonte: Will Eisner, Quadrinhos e Arte Sequencial, 1989.

história. O primeiro passo para simbolizar o som veio do famoso desenho animado, O Gato Felix, de Pat Sullivan, cuja contribuição nos anos 1920 foi grande para dar a ilusão de ‘trilha sonora’ no cinema mudo criando toda sorte de signos convencionais. Contudo, foi em função da influência do cinema que os quadrinhos começaram a usar a onomatopeia para expressar mais claramente os sons, permitindo, dessa forma, uma comunicação mais efetiva e direta com o leitor”. (Luyten, 2001,2002 p. 178).

É muito importante também organizar a narrativa, e isso inclui a contagem do tempo, pois de nada adianta utilizar todos os elementos descritos acima se a história está desorganizada. Caso isso ocorra, o leitor terá muita dificuldade para entender a sequência da narrativa.

Com relação à linguagem utilizada nas HQ’s, podemos destacar alguns elementos como a ironia, humor e as críticas, tão utilizadas pelos cartunistas a fim de manifestar suas opiniões com relação a diversos temas, principalmente a política. Para Cavenaghi (2011, p.255), a ironia é utilizada a fim de fazer o leitor interpretar o contrário do que foi dito pela personagem, dando valor inverso:

“nesse sentido, Berrendonner (1987) define ironia como a figura que leva a entender o contrário do que se diz reportando-se à Retórica para explicar que a ironia é uma contradição lógica, um procedimento que superpõe a um valor argumentativo dado o valor contrário. Ducrot (1987, p.197), baseado em Sperber e Wilson, afirma que um discurso irônico consiste sempre em fazer dizer, por alguém diferente do locutor, coisas evidentemente absurdas, a fazer, pois, ouvir uma voz que não é a do locutor e que sustenta o insustentável. Entretanto, o locutor não mente e nem finge mentir: ele estabelece um jogo no qual faz duas afirmações de uma única vez. A ironia desempenha uma função comunicativa muito importante: persuadir. Não só a identificação da ironia, mas também a da intertextualidade são relativas ao leitor”. (Cavenaghi, 2011, p. 255).

A intertextualidade é utilizada nos textos e também na HQ, já que ela é a mescla de textos. A citação e a paródia são exemplos de intertextualidade e é importante lembrar que a sua utilização pode ser consciente ou não. Ainda é classificada como explícita ou implícita, sendo que no caso da tira abaixo da *Turma da Mônica*, ela é explícita, já que *Mônica* faz uso da frase: “espelho, espelho, meu”... Fazendo uma alusão há história infantil da *Branca de Neve*, criada pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm.



Tira da personagem Mônica, criada por Mauricio de Sousa.

A linguagem verbal é comumente utilizada pela população, já que o ato de escrever é um exemplo dessa linguagem. Já a não verbal é representada por meio de gestos, movimentos faciais e corporais, além de danças, olhares, cores. São os elementos que não se utilizam de verbos na comunicação. Essa linguagem pode ser involuntária, já a verbal é voluntária.

A linguagem não verbal expressa por meio de gestos e olhares, por exemplo, é bastante explorada na área policial, já que o agente público necessita interrogar o suspeito e descobrir por meio dessas pistas se o mesmo fala a verdade ou não quanto algum episódio.

Este trabalho é resultado da linguagem verbal, já que estão sendo utilizadas letras, que formam palavras e essas palavras são compreendidas pelos leitores.

Na História em Quadrinhos, é utilizada uma mistura de linguagem verbal e não verbal. Ela é conhecida como mista. No quadrinho acima é possível perceber essa característica por meio da fala da *Mônica* (verbal) e seus gestos e olhares (não verbal).

Na tira do Quino (página 31), há o uso da inferência, que é o elemento que leva o leitor a alguma conclusão. Nesse caso, percebe-se a corrupção domina as relações aí expostas. Primeiramente o policial que não prende o ladrão, pois o conhece e por fim, no momento do julgamento, quando o juiz chega à sala do júri e faz um gesto como se fosse abraçar tanto o ladrão como o policial. Nesse quadrinho Quino denuncia que algumas vezes crimes não são solucionados, pois há a participação de criminosos que são amigos de policiais e também de juizes. Vale ressaltar que isso não é uma regra no País, porém, infelizmente essa prática ainda ocorre no Brasil.

3.2 - Estudo das HQ (Mafalda e Níquel Náusea)

A menina *Mafalda*, do cartunista Juan Salvador Lavado (Quino) é um exemplo típico do uso dos quadrinhos para expor suas ideologias. Ele utiliza essa menina, tão conhecida mundialmente – suas histórias já foram traduzidas para diversos idiomas, dentre eles o português, inglês, francês e italiano. Não podemos esquecer seu idioma original que é o espanhol.

Podemos perceber que Quino coloca em *Mafalda* uma voz crítica. Ela ataca inclusive a política argentina daquele momento. Ela tem os olhos abertos para os acontecimentos mundiais e denuncia os problemas sociais e o papel da mulher na época. Um exemplo disso é o fato de criticar sua mãe, já que a mesma largou sua profissão para poder cuidar da família. Em uma de suas tiras, *Mafalda* diz a sua mãe que irá estudar bastante e não será como ela, uma mulher frustrada e medíocre.

A personagem *Mafalda* foi alvo de alguns comentários de Umberto Eco (2003) é classificada como “um herói do nosso tempo”, já que suas histórias tratam de problemas políticos, econômicos, além da paz mundial. As histórias dessa garotinha são muito interessantes de serem lidas, pois nelas há figuras marcantes:

“na realidade, a Mafalda, em matéria de política, tem ideias muito confusas, não consegue entender o que acontece no Vietnã, não sabe porque existem os pobres, não confia no Estado e a presença dos chineses a preocupa. Só uma coisa ela sabe claramente: ela não se conforma. Ela é rodeada por uma pequena turma de personagens muito mais ‘unidimensionais’: Manolito, coroinha integrado do capitalismo de bairro, que sabe com total certeza que o valor primário neste mundo é o dinheiro; Felipe, sonhador tranquilo; Susanita, beatamente doente de espírito materno, narcotizada por sonhos pequeno-burgueses. E, finalmente, os pais da Mafalda, que como se não lhes bastasse o quanto é duro aceitar a rotina cotidiana (recorrendo ao paliativo farmacêutico de ‘Nervocalm’), são esmagados, além do mais, pelo tremendo destino de ter que cuidar da Contestatária”.(Eco, 2003).

Mafalda possui um senso crítico muito a florado, ainda mais para uma criança da idade dela - é possível perceber que essa garotinha deve ter uns 10

anos. Essa criação do Quino é interessante de se estudar e levar para os alunos analisarem, pois nos ajuda a entender o que se passava no mundo na época que foi publicada.

Além de trabalhar esses temas relevantes, é interessante frisar que ela é latino-americana, (nasceu na Argentina) então se aproxima mais da realidade brasileira como, por exemplo, *Charlie Brown* de Charles Schulz. Eco (2003) afirma que “*Charlie Brown* pertence a um país próspero, a uma sociedade opulenta, na qual tenta desesperadamente se integrar, mendigando solidariedade e felicidade”. Ou seja, ela é totalmente o oposto de *Mafalda* e representa para o povo brasileiro um estilo de vida bem distinto do que é vivido no Brasil. *Mafalda* é o retrato da sociedade argentina na década de 1964 até 1973. Para Cavenaghi (2011, p.253), ela é uma personagem que vai contra os famosos heróis dos quadrinhos. A autora comenta baseada em Eco (1993), que *Mafalda* é uma anti-heroína, já que ela contesta o mundo e surgiu para questionar os costumes da sociedade:

“as tiras da personagem *Mafalda* têm um diferencial daquele tipo de tira em que os autores narram uma história que enaltecem um herói que sempre aparece para salvar as pessoas. (...) O autor se refere à *Mafalda* como uma personagem contestadora e enraivecida que segue a moda do anticonformismo e recusa o mundo como ele é, ressaltando ser prudente tratá-la com o respeito que merece uma personagem real. E ainda relata que não se pode negar que as histórias em quadrinhos, quando atingem certo nível de qualidade, assumam a função de questionadoras de costume e a *Mafalda* reflete exatamente as tendências de uma juventude inquieta. Nas tiras da *Mafalda*, Quino revela a intenção de abordar a problemática política e social externando sua visão crítica da realidade por meio da ironia. Além da *Mafalda*, há outros personagens infantis presentes nas tiras, assim com seus pais e, posteriormente, seu irmãozinho”.(Cavenaghi, 2011 p. 253).

Conforme publicado no site da *Mafalda*, Quino se dedicou totalmente à sua obra. Nunca “terceirizou” o trabalho, ao contrário do criador de *Charlie Brown*, que contava com uma equipe para ajudá-lo no serviço. Quanto o pai de *Mafalda* percebeu que seu repertório de histórias havia acabado, resolveu, por conta própria encerrar suas publicações de *Mafalda*.

O povo brasileiro conta com algumas tirinhas bem conhecidas, dentre elas há uma de Fernando Gonsales, chamada *Níquel Náusea*.

Fernando Gonsales utiliza diversos animais em suas tiras, desde protozoários até mesmo dinossauros, a fim de transmitir suas mensagens. Há um episódio interessante em sua formação acadêmica. Em uma das diversas provas que teve que responder na faculdade, Gonsales a respondeu toda em formato de HQ. Essa atitude não foi muito aceita por seu professor, porém todas as respostas estavam corretas. Sendo assim, o mestre não teve outra alternativa a não ser considerá-las.

Gonsales ganhou o direito de publicar suas tiras no jornal Folha de São Paulo após vencer um concurso nesse jornal. Atualmente o público pode encontrar as aventuras do rato *Níquel Náusea* em dez jornais no Brasil.

Essa personagem vive no esgoto e é muito amigo de uma barata. O rato é uma paródia a um personagem de Walt Disney (uns defendem que seria o roedor *Mickey* e outros a *Vovó Donald*). Seu criador utilizou sua experiência profissional para criar os diversos cartuns de animais, já que é formado em medicina veterinária.

Mickey é personagem da Disney, que ao contrário *Náusea*, tem uma excelente vida. Os principais personagens que participam de suas aventuras são: a baratinha *Fliti* (viciada em inseticida), a rata *Gatinha*, o *Sábio do Buraco* (rato mais velho das histórias que mistura sabedoria e esclerose) e outro rato chamado *Ruter* (que persegue o *Níquel Náusea*).

Níquel já foi alvo de alguns textos acadêmicos, como o de Castelão (2007, p.4), que afirma:

“é possível observar uma segregação rígida entre homens e bichos, como dois mundos diferentes, opostos e intransponíveis. Tal diferenciação cria um clima de conflito, pois Gonsales se abastece de repertórios sociais que sugerem a presença de ratos como ameaça a existência humana. Este fato sugere sentimentos de nojo, raiva, desprezo, incompreensão e permanente estado de guerra. Entretanto, nosso autor faz uma inversão dessa perspectiva nutrindo-se desses repertórios para pensar a posição de opressão dos animais na luta pela sobrevivência frente à ação humana de excluir, rejeitar e violentar, e assim elaborar situações de riso pautadas nas desventuras de cada personagem”. (Castelão, 2007, p.4).

Gonsales usa elementos suas tiras para descrever problemas sociais e as relações turbulentas que o homem tem com animais como rato. Exemplo disso é quando *Níquel Náusea* critica o ser humano, como na tira abaixo:



Tira de Gonsales criticando os seres humanos.

Além disso, há uma inversão de valores, já que o normal é o homem criticar animais como baratas e ratos, mas nesse caso é o rato Náusea que faz isso, ou seja, Gonsales faz o uso da prosopopeia¹⁰ ou personificação. Já que é do conhecimento de todos que animais não falam da mesma forma que seres humanos.

Na elaboração desses personagens, Gonsales utiliza a personificação em todos eles. Gestos, palavras e ações de seres humanos são amplamente explorados em suas tiras. A representação de *Níquel Náusea* denota a de uma população excluída, marginalizada. Isso é claramente percebido através dos conflitos vividos diariamente como a fome.

¹⁰ É uma figura de linguagem que dá a animais características humanas. Muito utilizada em fábulas.

CAPÍTULO IV

Uso das HQ's no Ensino de Língua Portuguesa

Dentro da sala de aula, o professor de Língua Portuguesa pode fazer uso de diversos artifícios a fim de melhorar a forma que é passado o conteúdo para seus alunos. Um exemplo disso é o uso de HQ, já que os alunos podem interagir melhor com seu mestre. Uma aula com histórias em quadrinhos pode ser muito dinâmica e gratificante tanto para educando, como para educador.

Antes de trabalhar com histórias em quadrinhos em sala de aula é preciso compreender a diferença entre HQ/tirinhas, charge e cartum.

Tirinhas



Angeli¹¹ utiliza suas tirinhas para tratar de assuntos como desigualdade social e política.

¹¹ Arnaldo Angeli Filho, mais conhecido com Angeli, é um dos mais conhecidos chargistas brasileiros. Atualmente suas tirinhas podem ser encontradas no jornal brasileiro Folha de São Paulo.

As tirinhas são muito conhecidas, pois são encontradas facilmente nos jornais, na parte de diversão. “São um subtipo de HQ, mais curtas, com no máximo 04 quadrinhos” (Mendonça, 2001, p.198). Seu objetivo é entreter seu leitor. Sua narrativa segue uma sequência, por isso é conhecida como arte sequencial. Elas são apresentadas em formas de quadros. Muitas vezes seus criadores fazem o uso dela para expor críticas sociais, como é o caso da Mafalda, já estudada anteriormente.

Charge



Charge explorando temas políticos. Feita por Duke¹².

As charges são desenhos humorísticos, que podem possuir legendas ou balões e geralmente são utilizadas pela imprensa para criticar ou focalizar algum acontecimento atual, quase sempre relacionado à política. Utiliza-se a caricatura e sempre há pelo menos um personagem envolvido. Conforme o dicionário Houaiss (2001), essa palavra tem origem francesa, que significa carga, ou seja, elas carregam alguma característica da personagem presente nela.

¹² Eduardo dos Reis Evangelista, Duke, nasceu em Belo Horizonte. Atualmente colabora com suas charges diárias para o jornal O Tempo e Super Notícia.

Cartum



Cartum de Ricardo Ferraz.

O cartum é parecido com a charge, porém satiriza os comportamentos humanos gerais e não só de personalidades nacionais e internacionais. A palavra é uma adaptação do inglês *cartoon* e significa esboço ou modelo desenhado em cartão (Houaiss, 2001). Geralmente é constituído de somente um desenho. Ele também faz o uso de caricaturas e pode ser classificado como matriz da charge.

Como exemplo, a ser utilizado em sala de aula, há abaixo uma tirinha da *Mafalda*, para analisar algumas características da personagem, do seu discurso e da mentalidade da época.



Tirinha da Mafalda.

Na tira acima, sua mãe, assim como a maioria das mães, se preocupa com bem estar de sua filha e por isso está organizando sua roupa para esse dia importante para a educação da menina.

Mafalda a princípio analisa sua mãe organizando seu uniforme, já que a menina irá iniciar sua vida estudantil, nesse caso, no dia seguinte irá ingressar no jardim de infância.

Assim que *Mafalda* percebe que sua mãe está um pouco preocupada com sua roupa, a menininha resolve acalmá-la. Porém como ela é muito sincera, acaba utilizando palavras duras e deixa sua mãe muito triste e não aliviada.

O professor de Língua Portuguesa pode fazer uso dessa tirinha para instigar seus alunos a compreenderem qual o tipo de linguagem utilizada, os recursos que estão presentes e a forma com que *Mafalda* fala com sua mãe. Além disso, os estudantes podem analisar as expressões das personagens.

Essa tira pode ajudar, por exemplo, o educador a trabalhar a linguagem verbal e não verbal, já que as expressões delas dão condições para entendermos melhor o que se passa no cenário.

Na tirinha acima também é possível perceber o estereótipo da mulher dona de casa. Já que, em outros contextos, era quase uma regra a mulher ficar em casa para cuidar dos filhos, marido e afazeres domésticos. A mulher poderia sim ter estudado, às vezes até feito curso superior, mas assim que casasse deveria abandonar a carreira. Atualmente já não é tão comum isso ocorrer já que com as igualdades nas relações, homens e mulheres passaram a ter os mesmos direitos e obrigações. Sendo assim, ainda existem mulheres que sacrificam seu futuro para dar conforto aos seus familiares, porém é muito mais comum encontrarmos mulheres que cuidam dos afazeres domésticos e também da carreira.

Aferimos também que *Mafalda* é uma personagem muito inteligente, já que consegue tratar de temas que abrangem a política de seu país e também mundial. É interessante notar que muitas tirinhas não abordam esse tema, mais sim os conflitos sociais. Sendo assim, Quino consegue se destacar, já que criou uma personagem infantil, que aborda temas políticos, além de descrever as relações entre ela e seus amigos – e cada um tem uma característica diferente. Inclusive uma delas sonha em ter um futuro muito parecido com a da mãe da *Mafalda*, já que era costume da época as mulheres pensarem e agirem assim.

E por fim, é possível perceber que *Mafalda* está inserida em uma família de classe média, já que se fosse de classe alta, sua mãe não estaria costurando suas roupas, provavelmente que faria esse serviço seria uma

empregada doméstica ou até mesmo mandaria para alguma costureira profissional.

CAPÍTULO V

Metodologia

O presente trabalho foi alicerçado na pesquisa qualitativa e de documentos para evidenciar a importância do trabalho com o gênero Histórias em Quadrinhos no 6º ano do Ensino Fundamental. Por pesquisa documental entende-se que é a busca feita por meio de documentos contemporâneos. Para desenvolver esse estudo foram utilizados dados históricos, livros didáticos e, principalmente, um plano de aula de Língua Portuguesa, por amostragem, a fim de validar a dinamicidade nas aulas de Português do 6º ano do Ensino Fundamental.

O questionamento levantado para a construção desta análise foi: Como trabalhar a Língua Portuguesa, com Histórias em Quadrinhos, focando uma abordagem significativa para o 6º ano do Ensino Fundamental? Com os objetivos de reconhecer e analisar o percurso histórico do gênero história em quadrinhos, traçando um paralelo entre os EUA e o Brasil, assim como relacionar as influências positivas do gênero na formação do leitor.

Para tanto apresentamos os conceitos históricos que permearam, por diversos anos, o gênero História em Quadrinhos. Exemplo disso é a questão de sua marginalização, já que por muitos anos, eram consideradas sublitteraturas, e, portanto, inadequadas ao processo de formação intelectual do cidadão crítico. Prova disso é que, durante a década de 1950, o psiquiatra Wertham publicou um livro que trazia ideias contrárias à leitura de Histórias em Quadrinhos, e a referida publicação fomentou a marginalização desse gênero. Contudo, esse pensamento vem sendo alterado ao longo da história e, no contexto atual, a educação formal, na contramão do pensamento científico da

década de 50, tem utilizado esse gênero nas salas de aula das diversas áreas do conhecimento.

Teóricos como: Bakhtin (1934-35,2003), Saussure (2004), Cereja (2008) e Eisner (1989) se posicionam em defesa da aprendizagem da língua a partir das experiências cotidianas e do contato com os diversos tipos de linguagens. As histórias em quadrinhos possuem como característica a linguagem mista, ou seja, a utilização dos elementos verbais e não verbais para a construção de sentido do que se pretende comunicar, e isso possibilita o trabalho com indivíduos letrados¹³ e ou alfabetizados¹⁴.

A fundamentação teórica do trabalho é construída por meio do reconhecimento do percurso histórico do gênero História em Quadrinhos. Foram utilizados dados referentes aos precursores dos quadrinhos, a sua herança histórica, além de um breve estudo das personagens nacionais e mundiais mais populares. No caso do Brasil, também há informações sobre o surgimento das histórias nacionais e a criação da Turma da Mônica, a maior referência do gênero, em circulação, no País.

As informações que constituem os capítulos anteriores são de suma importância, pois categorizam aspectos que validam a relevância deste trabalho, já que enfatizam a importância da boa formação do professor de Língua Portuguesa e o seu papel como agente transformador. Além de verificar aspectos que validam a função engajada do gênero, constatando a influência do contexto social com a proposição dos seus temas, refletindo os aspectos críticos e sociais fundamentais para formação do leitor.

A análise de um plano de aula de Língua Portuguesa vem para corroborar o trabalho com o gênero História em Quadrinhos. A explicitação de uma sequência de trabalho na qual seu passo a passo é analisado, com ênfase nos procedimentos favoráveis ao desenvolvimento do aluno, baseada nos aspectos levantados anteriormente.

¹³ Para Angela B. Kleiman, "letramento está relacionado com os usos da escrita em sociedade e com o impacto da língua escrita na vida moderna". (p.19).

¹⁴ Kleiman também expõe que: "alfabetização é uma das práticas de letramento que faz parte do conjunto de práticas sociais de uso da escrita da instituição escolar". (p.12).

CAPÍTULO VI

Análise do Plano de Aula Comentada

Esse capítulo contém a análise de um plano de aula de Língua Portuguesa, que foi utilizado como amostragem, a fim de comprovar que os dados apresentados no decorrer da monografia, podem ser utilizados dentro de sala de aula. Para isso foram acompanhadas aulas de Português do 6º ano do Ensino Fundamental, de uma escola particular do Distrito Federal, na qual contamos com a colaboração de uma das professoras que ministram a disciplina. Essa docente se propôs a trabalhar, com tema poluição no gênero História em Quadrinhos, planejando, portanto, uma sequência de quatro aulas.

Nessa análise percebem-se as seguintes características: o professor como agente transformador, HQs como ferramenta de reflexão dos acontecimentos sociais, uso de temas relevantes e a importância, deste gênero, na construção do leitor.

Plano de Aula – analisado.

Disciplina: Língua Portuguesa.

Duração: 4 aulas de 50 minutos.

Turma: 6º ano do Ensino Fundamental.

Assunto: Ensino de Histórias em Quadrinhos no 6º ano do Ensino Fundamental.

Objetivos Gerais:

- Conhecer o gênero HQ.
- Identificar os recursos linguísticos inseridos nas histórias em quadrinhos.
- Compreender os recursos gráficos e temporais que estão presentes nas HQ's.
- Compreender a diferença entre linguagem verbal e não verbal.
- Compreender o significado das onomatopeias.
- Manusear gibis e conhecer as características principais das HQ's.
- Interpretar textos presentes nos quadrinhos.

- Conhecer alguns personagens famosos das histórias em quadrinhos no Brasil e no Mundo.
- Compor histórias em quadrinhos para compor um gibi da turma.

Procedimentos:

- Iniciando com aula expositiva, conceituando o que é linguagem e suas divisões em verbal e a não verbal. Após isso, fazer exposição de slides que contenham as primeiras histórias em quadrinhos nacionais e internacionais. Nesses slides aparecerão historinhas como: *The Yellow Kid*, *Gato Félix*, *Mafalda*, *Zé Carioca* e *Turma da Mônica*.
- Expondo aos alunos o que são gibis e apresentando os quadrinhos brasileiros de Maurício de Sousa, grande cartunista nacional que criou personagens baseados em suas filhas.
- Apresentando as diferenças entre HQ/tiras, cartum e charge e mostrando aos alunos alguns exemplos desses tipos humorísticos.
- Estudando as tirinhas que apresentam temas relacionados ao meio ambiente, expondo aos alunos a importância de cuidar do meio em que eles vivem.
- Estudando os elementos gráficos (balões, quadrinhos, estrutura das falas), temporais e linguísticos dos quadrinhos, ressaltando a importância de cada um deles dentro da construção de uma HQ.
- Analisando as HQ e proposta de criação de um gibi, composto dos uma tirinha de cada aluno, abordando o tema poluição do meio ambiente e suas consequências para a sociedade atual e futura.

Atividades Propostas para as Aulas

Como forma de conscientização dos alunos para o tema poluição ambiental e preservação do meio ambiente, a professora apresentará algumas histórias em quadrinhos, bem como os personagens das mesmas e também chargistas, cartunistas, desenhistas de quadrinhos nacionais e internacionais. Há com isso o objetivo de aproximar os alunos desse gênero e trazer para a realidade deles os recursos utilizados na construção de quadrinhos, charges e cartuns.



Zé Carioca



Turma da Mônica



The Yellow Kid



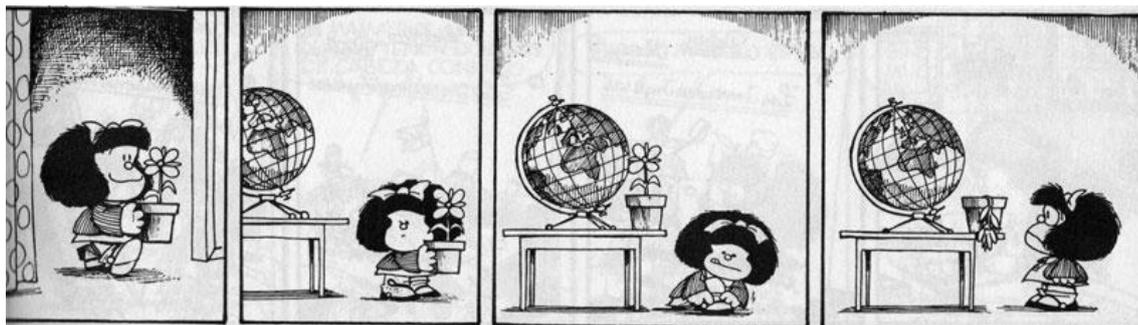
Gato Félix



Cartum e Charge sobre poluição.



Tirinha do Ziraldo sobre poluição.



Tirinha do Quino sobre poluição.



Charles Monroe Schulz

Primeira Aula – Analisada:

Foi iniciada com os comentários da professora sobre as imagens apresentadas anteriormente, como: as várias temáticas abordadas pelos gêneros: Histórias em Quadrinhos/tirinhas, charges e cartuns. Logo após, perguntou-se aos alunos:

- Vocês sabem o que é uma história em quadrinhos?
- O que é um gibi? Vocês têm algum em casa?
- Vocês sabem quais as diferenças entre cartum e charge?
- Quem é Maurício de Sousa e Angeli?
- Vocês sabiam que o *Zé Carioca*, apesar do nome não foi criado por um brasileiro?
- Vocês conhecem mais algum cartunista ou desenhista de quadrinhos brasileiro?
- Vocês já viram alguma tirinha do *Charlie Brown/ Snoop* ou da *Mafalda*? Sabem quem são seus criadores?

A professora quis mostrar aos alunos que existem e já existiram diversos cartunistas, chargistas e desenhistas. Que as primeiras histórias em quadrinhos que temos notícias surgiram por volta dos anos 1896, com *The Yellow Kid* de Richard Felton Outcault.

Explicou, ainda, que houve em 1954 uma proibição em massa da leitura de histórias em quadrinhos, principalmente, porque Wertham criou um livro chamado *A Sedução do Inocente* que colocava o gênero história em Quadrinhos, como sendo

negativo para o desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Após essas explicações, ela pediu aos alunos formassem duplas para lerem alguns gibis e destacarem os personagens principais e o tema de cada historinha lida. Como atividade para casa, cada aluno deveria pesquisar sobre um personagem de HQ nacional e outro internacional, além disso, trazer o(s) nome(s) do(s) criador(es) delas.

Análise da Primeira Aula Proposta:

Nesta primeira aula percebemos que o seu objetivo não é evidenciado no procedimento, porém deduzimos os objetivos pretendidos pela condução da aula. São eles: a professora buscou expor aos alunos o gênero História em Quadrinhos possui variantes temáticas. Também quis demonstrar aos alunos que é importante compreender o percurso histórico das HQ's e saber identificar alguns cartunistas conhecidos no Brasil e no Mundo. O intuito era apresentar aos estudantes gibis e pedir que eles leiam em duplas e por fim, eles deveriam exercitar por meio das revistinhas as características estudadas em sala.

A professora ao propor tais questionamentos e contato, assume a posição de transformadora, visto que trabalhou com a imaginação, criatividade e conhecimentos linguísticos pré-adquiridos de seus alunos. Sendo assim, possibilita que os aprendizes do 6º ano possuam instruções de como é possível utilizar os recursos linguísticos e estruturais obtidos durante a aula. Não esquecendo, claro que a pesquisa, como tarefa de casa é de suma importância já que instigará os educandos a buscarem mais informações sobre o assunto trabalhado em sala e possivelmente eles encontrarão mais informações e isso contribuirá no processo ensino/aprendizagem.

Segunda Aula – Analisada:

A aula foi iniciada com um pedido da professora. Ela quis que aluno falasse sobre sua pesquisa, promovendo, assim, um pequeno debate sobre o assunto.

Em seguida, cada aluno recebeu as histórias em quadrinhos abaixo e tiveram que identificar o tema e as personagens delas.

A professora procurou conscientizar os alunos dos problemas que a poluição trás à população e aos animais. Mostrando que cada pessoa poderá fazer sua parte, com pequenos atos, como jogar lixo no local correto, incentivar a reciclagem, economizar água e não desmatar.

Por último, houve uma explicação das características linguísticas que são apresentadas nessas HQ's, além dos recursos gráficos. Foi explicado o que é linguagem verbal e não verbal (focando principalmente nos gestos, expressões faciais), a figura de linguagem onomatopeia, a ironia e linguagem coloquial.

Como tarefa de casa, cada aluno precisou pensar em quais personagens gostaria de criar. Elaborando suas características físicas e psicológicas.



Tira do cartunista Fabiano dos Santos.



Análise da Segunda Aula Proposta:

O debate proposto pela professora fez com que os alunos conhecessem melhor alguns cartunistas e suas criações e a partir desse conhecimento adquirido, seria possível que os estudantes percebessem algumas características e principalmente: a temática e personagens das HQ's que foram trabalhadas. Como as tiras se referiam à poluição, foi possível trabalhar nos alunos uma reflexão crítica social, já que por meio delas, esperava-se que os estudantes identificassem posturas de conhecidos e até mesmo deles e buscassem modificá-las.

A busca da conscientização fez com que essa atividade pudesse ser realizada em conjunto com professores de outras disciplinas, trazendo assim, a intertextualidade.

Há também ao final dessa aula um estudo dos elementos linguísticos presentes nos quadrinhos, que possibilitaram uma exposição agradável desse conteúdo, já que foi uma aula mais dinâmica.

Terceira Aula - Analisada:

Iniciou-se a aula pedindo para que cada aluno expusesse em seu caderno as características de seus personagens e o ambiente em que eles viviam. Essa atividade foi apresentada à professora para que a mesma sanasse possíveis dúvidas.

Cada aluno recebeu um material que seria utilizado para a criação de sua história em quadrinhos. O tema foi a poluição ambiental e medidas para combatê-la. Cada uma precisou elaborar 03 quadrinhos, com personagens dialogando e as histórias tiveram que ser coloridas.

Análise da Terceira Aula Proposta:

Com as atividades da terceira aula, a professora fomentou a criatividade dos alunos, por meio da criação de novos personagens e isso é interessante, para o desenvolvimento criativo dos alunos.

Como cada aluno teve como objetivo criar uma História em Quadrinhos, isso possibilitou que a turma pudesse colocar em prática o conteúdo ministrado de forma divertida.

O uso da onomatopeia, ironia, linguagem verbal e não verbal, estrutura de uma História em Quadrinhos, dentre outras, propiciou o desenvolvimento intelectual desses alunos. Sendo assim, a proposta de utilização do gênero História em Quadrinhos, reafirmou que esse é muito útil dentro de sala de aula.

Quarta Aula - Analisada:

Nessa última etapa, cada aluno explicou sua história em quadrinhos e disse o motivo de ter escolhido aqueles personagens para compor sua obra.

Em seguida, foi montado um mural com todas as produções da turma, bem como a identificação de cada aluno. No momento do intervalo, os estudantes de outras salas e séries foram convidados a conhecerem os trabalhos daquela turma e compreender o papel de cada cidadão dentro da sociedade, com relação ao combate a poluição mundial.

Análise:

A oportunidade dada aos alunos de expor seus trabalhos a outros colegas de escola foi muito importante, pois permitiu que os “cartunistas mirins” explicassem o processo de criação de seus quadrinhos e ainda sanassem as dúvidas de seus companheiros escolares.

A montagem do mural deu a sistematização e culminância proposto pela professora, para valorar o trabalho dos alunos. Essa atividade deu voz e vez aos alunos de se expressarem dentro do próprio universo escolar. Além disso, foi um momento proporcionado para compartilhar as produções dos alunos, foi importante para observar o crescimento que houve, principalmente, na questão da capacidade argumentativa por meio da oralidade, além do que a temática utilizada pela professora foi relevante para o universo social que os alunos estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de Histórias em Quadrinhos no 6º ano de Ensino Fundamental demonstra a importância do trabalho do gênero História em Quadrinhos/tiras dentro de sala de aula, haja vista que quanto mais dinâmica as estratégias oportunizadas em classe, maior será o interesse por parte dos alunos e consequentemente, a aprendizagem do conteúdo ministrado.

Atualmente as aulas de Histórias, Sociologia, Língua Portuguesa, Geografia, dentre outras são enriquecidas com charges, quadrinhos/tiras e cartuns, porque na maioria das vezes esse gênero fará com que o senso crítico, a interpretação de texto e imagens, o conhecimento vocabular e de fatores comportamentais dos alunos sejam trabalhados e aprimorados. Além disso, historicamente, os quadrinhos foram lidos por pessoas de diversas classes sociais e intelectuais. Comprovando assim, que é uma literatura proveitosa e poder ser utilizada como base para a leitura de outros gêneros por parte de seus consumidores.

O presente trabalho propôs demonstrar, como é possível fazer uso das Histórias em Quadrinhos no ambiente escolar e também os fatos históricos que permeiam a história dos quadrinhos, pois são muito antigos e inclusive alguns estudiosos acreditam que: afrescos, pinturas, gravuras e esculturas da Idade Média, seriam uma forma arcaica de quadrinhos, já que eles já ilustravam situações do cotidiano ou faziam alusão a seres divinos.

É importante ressaltar que, o professor de Língua Portuguesa deve estar apto a utilizar os gêneros textuais em suas aulas, a fim de aperfeiçoar o crescimento intelectual de seus alunos. Nesse sentido as tiras/HQ's, charges e cartuns são gêneros textuais que apresentam informações, implícitas ou explícitas sobre: política, educação, cultura, meio ambiente, temas importantes para a formação do indivíduo crítico, desde que o mesmo saiba interpretar e/ou esteja disposto a aprender a fazê-la. O interessante do uso das tiras em sala de aula é que a forma que as histórias são dispostas facilita o entendimento e possibilitando a sua utilização em turmas de diversas idades, desde a alfabetização até a formação universitária.

Durante o trabalho foi possível responder a pergunta de pesquisa, isso porque há sugestões de como trabalhar as Histórias em Quadrinhos em sala de aula e ainda uma análise desse trabalho, a fim de dar um suporte ao professor de Língua Portuguesa. Além disso, os objetivos foram bem explicados e a metodologia estava constantemente exposta implícita e explicitamente nos capítulos anteriores.

Vale ressaltar que os quadrinhos não estão presentes somente em livros didáticos, revistas e jornais. Eles já possuem seu espaço em vestibulares e concursos públicos, e isso fez com que os modelos de resolução dessas provas modificassem, já que não é possível tão somente “decorar” o conteúdo, mas sim ter uma visão crítica do mundo para que se obtenha êxito nessas avaliações, ou seja, são elaboradas com o intuito de verificar a competência leitora e escritora, por meio da análise das habilidades de inferir, deduzir, interpretar e questionar as informações ali presentes. E é por esse motivo que o professor precisa capacitado para ministrar o conteúdo em sala de aula, pois a partir do posicionamento desse profissional e que haverá o retorno de seu aluno.

É preciso haver comprometimento do professor, desde sua formação até mesmo em seu aperfeiçoamento no decorrer dos anos nos quais ele irá lecionar. Também necessário observar se as metas estabelecidas pelo professor foram atingidas, se a atividade proposta é realmente apropriada para o conteúdo ministrado, se o que foi apresentado em sala faz parte do universo que os alunos estão inseridos e finalmente se aquelas atividades irão contribuir com o desenvolvimento das capacidades pretendidas. Por esses motivos, é de extrema importância que o professor de língua portuguesa esteja atento ao que é ou será trabalho em sala de aula e como isso é ou será repassado aos seus educandos. Diante do exposto, é possível perceber que a diversidade de apresentação do conteúdo é muito importante, pois é a partir disso que as ideias trabalhadas em sala trarão o resultado esperado por professores e alunos.

Conjuntamente trará, ao aluno, experiências múltiplas de interpretação de: textos, imagens, gestos, além de estímulos ao uso de recursos linguísticos como ironia e a linguagem verbal/ não verbal. O senso crítico é trabalhado por meio do gênero Histórias em Quadrinhos, já que a maioria apresenta

juízo de temas diversos como: saúde, educação, política e meio ambiente. Portanto, utilizar o gênero História em Quadrinhos em sala de aula não só facilita o ensino de Língua Portuguesa com também auxilia o professor a pluralizar a forma como o conteúdo será exposto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBADE, Mario. Cultura em Movimento. **Almanaque Virtual**. 2001.
- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1976. 1ª ed. Brasileira.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____, M. (1934 -35). **Discurso no romance**. In: Questões de literatura e de estética. São Paulo: Editora UNESP / HUCITEC, 1998.
- BONIFACIO, Selma de Fátima. **Historia e(m) quadrinhos: análises sobre a História ensinada na arte sequencial**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2005.
- BRONCKART. J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- CALDAS, W. **Temas da cultura de massa: música, futebol, consumo**. 1. ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2000. v. 1.
- CARDOSO, Luís Miguel Oliveira de Barros. **Literatura, paraliteratura ou subliteratura? O estatuto axiológico de um texto de linguagem mista: A banda desenhada**. Portugal, 2001.p. 78-87.
- CASTELÃO, Erica Simões. **Níquel Náusea: A narrativa das HQ's como documento histórico**. Paraná, Graphica, 2007.
- CAVENAGHI, Ana Raquel Abelha. Mafalda: **Humor, ironia e intertextualidade**. Universidade Estadual de Maringá. Paraná: 2011.
- CEREJA, William Roberto, Tereza Cochar Magalhães. **Gramática: texto, reflexão e uso**. 3. Ed. Reformulada. São Paulo: Atual, 2008.
- CIRNE, Moacy. **Bum!: A explosão criativa dos quadrinhos**. 5ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- COUPERIE, P. et al. Shazam: **História em quadrinhos & comunicação de massa**. Tradução: José Fioroni Rodrigues e Luiz Sadaki Hossaka. Museu de Arte de São Paulo "Assis Chateaubriand", São Paulo, 1970.
- DANIEL, Isaura. **Os escribas do Brasil**. Agência de Notícias Brasil-Árabe, 2009.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. Tradução Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOGAÇA, Adriana Galvão. **A contribuição das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores Competentes**. 2003.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: Ensinar e aprender com sentido**. São Paulo, SP: Grubhas, 2003.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** São Paulo – Unicamp: Cefiel. 2005-2010.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. **Onomatopeia e mimesis no mangá**. Revista USP, São Paulo, n.52, dezembro/fevereiro 2001-2002.

MAGALHÃES, Henrique. **O Tico-Tico: 100 anos de encantamento**, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (orgs). _____ Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

_____, L. A. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. Língua, linguística e literatura. João Pessoa, 2003, v. 1, n.1, p. 9-40.

_____, L. A. **Gêneros textuais: constituição e práticas sociodiscursivas**. São Paulo: Cortez, 2004.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. **Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros textuais e Ensino. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PAES, J. P, "**Faz falta uma literatura brasileira de massa**" in Folha de S. Paulo, 10/01/1989, caderno E.

ROSSI, Maria Aparecida Lopes. **Gêneros textuais e práticas de leitura presentes na sala de aula**. I Simelp USP, São Paulo, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Lingüística Geral**. Orgs. Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004.

VIOTTI, Evani de Carvalho. **Introdução aos Estudos Lingüísticos**: Temática 2: A língua para Ferdinand de Saussure, Florianópolis, 2007.

Sites pesquisados

Disponível em:

<<http://almanaquevirtual.uol.com.br/ler.php?id=14654&tipo=23&tipo2=almanaque&cot=1>> Acessado em 04 de abril de 2013.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/02/mauricio-de-sousa-e-filha-anunciam-festa-de-50-anos-da-monica.html>> Acessado em 07 de maio de 2013.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/>>.
Acessado em: 20 de maio de 2013.

Disponível em: <<http://www.fotolog.com.br/martianmanhunter/80958489/>>
Acessado em 04 de abril de 2013.

Disponível em: <<http://antigoegipto.wordpress.com/2009/02/07/os-escribas-do-brasil/>> Acessado em 25 de abril de 2013. Isaura Daniel – Os Escribas do Brasil

Disponível em: <<http://www.ipv.pt/forumedia/4/10.htm>> Acessado em 29 de abril de 2013.

Disponível em: <<http://papodehomem.com.br/corrupcao/>> Acessado em 11 de maio de 2013.

Disponível em:

<<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Ana%20Raquel%20Abelha%20Cavenaghi.pdf>> Acessado em 13 de maio de 2013.

Disponível em:

<<http://www.universohq.com/quadrinhos/2005/ticotico.cfm>> Acessado em 13 de abril de 2013.

Disponível em:

<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/introducao_aos_estudos_linguisticos/1_O%20que%20%E9%20linguagem%20%E9%20distinta.pdf> Acessado em 26 de abril de 2013.

Disponível em <<http://www.cvi.org.br/cartum-oportunidade.asp>> Acessado em: 20 de maio de 2013.

Disponível em:

<http://cantinholiterariososriosdobrasil.files.wordpress.com/2011/08/lixo_minha_parte_tira_fabiano_dos_santos.jpg> Acessado em 20 de maio de 2013.

Disponível em: <<http://diariodoverde.com/hqs-ambientais/>> Acessado em: 20 de maio de 2013.

Disponível em: <<http://guiaecologico.wordpress.com/2010/05/03/tira-do-salvador-13/#comments>> Acessado em 20 de maio de 2013.

Disponível em:

<<http://www.guiadosquadrinhos.com/blog/image.axd?picture=2011%2f4%2fQuadrinhos+sendo+levados+para+a+fogueira+nos+anos+50+nos+EUA.jpg>>
Acessado em 21 de maio de 2013.

Disponível em: <<http://www.pciconcursos.com.br/provas/download/soldado-policia-militar-pr-uel-cops-2010>> Acessado em 22 de maio de 2013.

Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/paraliteratura/>> Acessado em 24 de abril de 2013.

Disponível em: <<http://www.mafalda.net/index.php/pt/a-historia-2>> Acessado em 12 de abril 2013.

Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/blog/post/2011/04/11/As-historias-em-quadrinhos-e-o-preconceito.aspx>>. Acessado em 21 de maio de 2013.